

“Blog Memória JF”: Jornalismo cultural e preservação da memória¹

Samuel FONTAINHA²

Carla BALDUTTI³

Christina Ferraz MUSSE⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente artigo trata da criação de um *blog* para divulgar a história de locais culturalmente relevantes de Juiz de Fora, em Minas Gerais, que não existem mais. O objetivo durante a disciplina Jornalismo Cultural foi gerar um acervo digital tanto de imagens quanto de depoimentos, contribuindo para a manutenção da identidade local e da cidadania. A disciplina abordou a necessidade de utilizar as tecnologias da informação e comunicação (TICs) para preservar memórias e identidades e exercer a função social do Jornalismo. Na revisão bibliográfica, foram considerados os estudos de Jornalismo cultural de Piza (2003) e Ballerini (2015), o *blog* segundo as teorias de mídias digitais em Martino (2014), a nostalgia a partir de Huyssen (2014), e a metodologia de História Oral de acordo com Delgado (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo cultural; memória; identidade; cidadania; mídias digitais.

Introdução

O presente artigo é um relato de experiência da construção de um *blog* pelos alunos da disciplina Jornalismo Cultural, na Faculdade de Comunicação da UFJF, no primeiro semestre de 2019, que utilizou os conceitos de jornalismo associados a uma abordagem histórica e de preservação da memória local.

A metodologia utilizada foi História Oral tanto na construção das matérias, valorizando os relatos de quem conheceu os espaços, quanto na obtenção dos depoimentos com os alunos e a professora. Na revisão bibliográfica, foram considerados os estudos de Jornalismo cultural de Piza (2003) e Ballerini (2015), o *blog* segundo as

1 Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Graduando no 5º do período do curso de Jornalismo da Facom-UFJF. Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (COMCIME) e-mail: sa.fontainha@gmail.com

3 Mestranda do 2º período do PPGCom - UFJF, e-mail: carlabalduttijornalista@gmail.com.

4 Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FACOM-UFJF e-mail: cferrazmusse@gmail.com

teorias de mídias digitais em Martino (2014), a nostalgia a partir de Huyssen (2014), e a metodologia de História Oral de acordo com Delgado (2010).

Ao longo do texto contextualizamos as teorias estudadas durante a disciplina de Jornalismo Cultural, norteadoras da produção das matérias em suas reflexões geradas; em seguida discutimos sobre memória e nostalgia e como a mídia pode contribuir para divulgar conteúdos antigos para as novas gerações; analisamos as tecnologias de informação e comunicação em sua função de difusão cultural; e relatamos a construção do *blog* na dinâmica da disciplina onde foi feito.

Observamos, ao fazer as matérias, um descaso com os espaços de cultura sempre afetados pelo mercado imobiliário e pelos efeitos do capitalismo na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Esta pesquisa se justifica na tentativa de criar um espaço de divulgação para a memória e identidade cultural dos locais escolhidos, a partir da criação de um *blog* e da função social do Jornalismo especializado em cultura.

Jornalismo Cultural

Na disciplina de Jornalismo Cultural, antes do aprofundamento nas atividades práticas, foram desenvolvidas questões sobre o campo de atuação da área, sua história no Brasil, sua importância para a sociedade, e reflexões baseadas em estudiosos deste campo de atuação, para formação profissional dos alunos e alunas.

Tais como o livro “Jornalismo cultural” de Daniel Piza o qual contextualiza, ensina e tece reflexões sobre a área. O jornalismo cultural brasileiro, para ele, perdeu espaço e influência ao mesmo tempo em que as seções culturais dos grandes jornais continuam entre as páginas mais lidas e, a área vem ganhando mais status entre os jovens que pretendem seguir a profissão. Por outro lado, o autor critica o tratamento segmentado na editoria uma vez que a cultura está em tudo, tendo como essência misturar assuntos e atravessar linguagens. O pesquisador ainda considera que o que falta ao leitor contemporâneo, são características do Jornalismo cultural: a análise, a crítica e o debate de ideias preocupado em provocar perspectivas.

Piza (2003) destaca que em 1711, Richard Steele e Joseph Addison fundaram uma revista diária chamada *The Spectator*, marco do Jornalismo cultural com a finalidade de gerar discussão, nas mesas dos cafés, clubes e casas. Assim, o jornalismo cultural, nasceu na cidade e dos anseios urbanos.

Dizendo ainda de outra forma, o jornalismo cultural, dedicado à avaliação de ideias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutenberg em 1450) e o Humanismo se propagara da Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França. Os Ensaíes de Montaigne, com sua capacidade de mesclar o mundano e o erudito, são a matriz evidente das conversações de Addison e Steele. Filho do ensaísmo humanista, o jornalismo cultural inglês também ajudou a dar luz ao movimento iluminista que marcaria o século XVIII (PIZA, 2003, p. 12).

No Brasil, segundo Piza (2003), o jornalismo cultural só tem destaque no final do século XIX com Machado de Assis, que começou a carreira como crítico de teatro e polemista literário, assim como muitos outros escritores brasileiros da época que passaram pelo jornalismo cultural.

Piza (2003) salienta que após a virada para o século XX, o jornalismo que era feito de escasso noticiário, muito articulismo político e o debate sobre livros e artes, passou a dar mais importância para a reportagem, para o relato de fatos, e começou a se profissionalizar. Repórteres de política e polícia passaram a ser os mais importantes dentro das redações. Com isso, o jornalismo cultural, se reinventa e descobre a reportagem e a entrevista, além de uma crítica de arte mais breve e participante.

O pesquisador vê a Internet, como caminho alternativo para o jornalismo cultural, pela demanda por esses assuntos e a variedade de sites que se dedicam a livros, artes e ideias, formando fóruns e prestando serviços de uma forma que a imprensa escrita não pode, por falta de interatividade e espaço. Piza (2003) vê nesse excesso o espaço ideal para a mediação jornalística, pois o bombardeio de dados e informações criou uma carência ainda maior de análises e comentários, que forneçam argumentos, perspectivas e contextos para o cidadão desenvolver senso crítico e reflexão.

Piza (2003) destaca a necessidade de se adequar ao segmento e ao público sem abrir mão de tentar contribuir com sua formação, e com seu repertório. Deve se considerar que toda publicação tem um recorte a propor para seu leitor de contexto histórico. Por isso ele questiona a submissão da editoria ao cronograma dos eventos ao contrário de se fazer uma análise de tais produtos para refletir sobre o que significaram para o público de fato. Para ele o papel desta editoria além de anunciar e comentar as obras lançadas é refletir sobre o comportamento, os novos hábitos sociais, os contatos

com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte. Para o autor é fundamental privilegiar o nacional, o cotidiano, os hábitos e valores do leitor, contribuir à sua procura de situar-se na realidade em que está inserido, com o idioma que domina. A cultura expande horizontes, até mesmo para enxergar melhor aquilo que está próximo e o jornalismo cultural deve se nutrir disso.

Piza (2003) critica que faltam perfis que relacionem a personalidade do artista com sua criação, críticas que saibam se deter tanto na estrutura do filme como na sua eventual posição e recepção, articulistas que valorizem especialmente as ideias que mexem com nosso cotidiano.

Tudo depende, no entanto, de ter bons profissionais e estimulá-los a prezar o que fazem, estimular sua criatividade e seu rigor, estimulá-los a estudar, viajar, sedimentar ideias. O fundamental no jornalista cultural é que saiba ao mesmo tempo convidar e provocar o leitor, notando ainda que essas duas ações não raro se tornam a mesma: o leitor que se sente provocado por uma opinião diferente (no conteúdo ou mesmo na formulação) está também sendo convidado a conhecer um repertório novo, a ganhar informação e reflexão sobre um assunto que tendia a encarar de outra forma” (PIZA, 2003, p. 68).

O pesquisador elenca como características desejáveis aos jornalistas culturais, ir além do objeto analisado, usá-lo para uma leitura de algum aspecto da realidade, fazer o papel de intérprete do mundo, situar a obra na perspectiva artística e histórica. Para isso, deve ter boa formação cultural, conhecendo bem não só o setor que cobre, mas também outros setores. Precisa adquirir sabedoria, conhecimento através de leitura, se manter informado, ter variedade de conteúdo, não ficar num só tema, e desenvolver personalidade, Piza (2003).

Outro pesquisador da área, Ballerini (2015) aponta dilemas presentes no fazer jornalístico atual voltado para a cultura, como ter menor espaço dedicado às reportagens nos cadernos de cultura, a lógica do entretenimento, a valorização excessiva da agenda, o aumento de matérias feitas a partir de assessoria, a redução do número de profissionais nas editorias de cultura. O pesquisador levanta ainda a reflexão sobre as mudanças da prática jornalística voltada à cultura como advento da internet e das redes sociais e comenta sobre as potencialidades das novas plataformas, chamando a atenção do leitor para a necessidade da intermediação do jornalista cultural no ambiente *online* para nivelar a qualidade dos produtos culturais.

Ballerini (2015) conclui que o cenário do Jornalismo cultural brasileiro é marcado por duas vertentes: a crise financeira da mídia tradicional e a fraca formação do leitor, que prefere o entretenimento ao aprofundamento cultural.

Nostalgia e Mídia

De acordo com Andreas Huyssen (2014), a memória é considerada crucial para coesão social e cultural da sociedade, pois todos os tipos de identidade dependem dela. No texto “A nostalgia das ruínas”, Huyssen (2014) traz o conceito de nostalgia.

O dicionário define nostalgia como “melancolia pelo afastamento da terra natal” ou “anseio de algo muito distante ou que ficou no passado”. A palavra é composta pelos termos gregos *nostos* = lar e *algos* = dor. O significado primário de nostalgia tem a ver com a irreversibilidade do tempo: algo do passado deixa de ser acessível (HUYSSSEN, 2014, p. 91).

Por isso, o *blog* criado na disciplina, buscou também, ser visto como acervo de memória, uma vez que a plataforma concentra parte da História sobre a Cultura de Juiz de Fora. Muito além, pudemos perceber durante a realização das reportagens para a plataforma digital que apesar dos espaços terem sido substituídos, em sua maioria, por lojas de comércio, as pessoas entrevistadas, envolvidas nos espaços de cultura, tinham acervo pessoal em forma nostálgica de fotos, objetos, e produtos culturais. Isso porque

a nostalgia se contrapõe às noções lineares de progresso, ou até as solapa, quer sejam elas dialeticamente emolduradas como filosofia da história, quer sejam sociológica e economicamente vistas como modernização. Mas o anseio nostálgico do passado também é sempre uma saudade de outro lugar (HUYSSSEN, 2014, p. 91).

A cidade não tem uma cultura de valorização do patrimônio arquitetônico que vá além do tombamento de fachadas dos prédios sem defesa do conteúdo cultural dos mesmos. Ainda assim, sem rastros imobiliários, os agentes culturais se nutrem de reportagens, fotografias e objetos que permitem recontar suas histórias.

No desejo nostálgico, a temporalidade e a espacialidade estão necessariamente ligadas. A ruína arquitetônica é um exemplo da combinação indissolúvel de desejos espaciais e temporais que desencadeiam a nostalgia. No corpo da ruína, o passado está presente nos resíduos, mas ao mesmo tempo não está mais acessível, o que faz da ruína um desencadeante especialmente poderoso da nostalgia (HUYSSSEN, 2014, p. 91).

Não existe uma política pública neste sentido, apenas um prêmio “Amigo do Patrimônio”⁵ da prefeitura da cidade, que reconhece projetos de memória patrimonial, mas sem ações conjuntas de apoio cultural. “Aqui, como em qualquer forma de nostalgia, é difícil discernir entre o lamento sentimental de uma perda e a reivindicação crítica de um passado, com o propósito de construir futuros alternativos” (HUYSSSEN, 2014, p. 94).

A cidade acompanha a influência do capitalismo e do neoliberalismo aplicados ao mercado imobiliário. Observamos lojas e estacionamentos onde antes estavam bem localizados os espaços culturais da cidade. Isso reflete o descaso com a cultura e a educação ao mesmo tempo em que se abrem bares com temática retrô, por exemplo, o que denota um paradoxal interesse pelo antigo.

As “ruínas autênticas”, tais como ainda existiam nos séculos XVIII e XIX, parecem já não ter lugar na cultura de mercadorias e memória do capitalismo avançado. Na condição de *commodities*, as coisas em geral não lidam bem com o envelhecimento. Tornam-se obsoletas e são descartadas ou recicladas. Construções são demolidas ou restauradas. A probabilidade de as coisas envelhecerem e se transformarem em ruínas diminuiu na era do capitalismo acelerado, acompanhando, ironicamente, o aumento contínuo da média de idade da população. As ruínas do século XXI são detritos ou são velhice restaurada. Neste último caso, a idade real é eliminada por uma plástica facial às avessas. O novo é levado a ter uma aparência envelhecida, em vez de se fazer o velho parecer novo. As modas reprô e retrô tornam cada vez mais difícil reconhecer o que é genuinamente antigo nessa cultura da preservação e da restauração (HUYSSSEN, 2014, p. 96).

Isso trouxe para a disciplina o desafio de o Jornalismo cultural agir como ponte para a memória na ausência de ruínas e vestígios desses espaços. “Na ruína, a história aparece espacializada, e o espaço construído, temporalizado” (HUYSSSEN, 2014, p. 99). Sem o físico para ativar memórias e curiosidades, coube aos alunos reunir os acervos pessoais e depoimentos para rememorar os espaços inexistentes de um passado perdido, sem materialidade. “No caso das ruínas, o que está supostamente presente e transparente, sempre que se afirma a autenticidade, só está presente como ausência; é o presente imaginado de um passado que agora só pode ser apreendido em sua decadência. Isso deixa a ruína sujeita à nostalgia” (HUYSSSEN, 2014, p. 98).

5 Disponível em: <<https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=69004>> Acesso em: 05 out. 2020.

Observamos que a população de Juiz de Fora perde em cidadania, ao ficar sem contato físico espacial com seu passado cultural. Mas é uma tendência global. “A era da ‘ruína autêntica’, de qualquer modo, encerrou-se; sua genealogia pode ser escrita, mas não ressuscitada. O presente é uma era de preservação, restauração e novas versões, todas as quais anulam a ideia da ruína autêntica, que se tornou, ela mesma, histórica” (HUYSSSEN, 2014, p. 113).

Por isso, a mídia se torna importante canal de preservação da memória das cidades ao registrar e divulgar acervos, depoimentos, em reportagens que podem ser utilizadas posteriormente por pesquisadores e historiadores.

A mídia produz conteúdos e narrativas não apenas no estilo nostálgico, mas também como desencadeadoras da nostalgia. A mídia e as novas tecnologias em particular podem funcionar como plataformas, locais de projeção e ferramentas para expressar a nostalgia. Além disso, a mídia é muitas vezes nostálgica por si mesma, seu próprio passado, suas estruturas e conteúdos. Mudanças de mídia perpétuas tornam a mídia nostálgica por seu fim inexistente (NIEMEYER, 2014, p.7).

E a imprensa consegue mostrar para um público heterogêneo memórias de períodos anteriores, o que configura o reconhecimento e a identificação para quem viveu aquela época, e a nostalgia sem passado, para as novas gerações em contato com o tema pela primeira vez.

A mídia, nesse sentido, seria importante para alimentar e responder à nostalgia não apenas pelo viés tecnológico de recuperação de imagens de arquivo, por exemplo, mas também – e principalmente – pela possibilidade de fazer circular narrativas capazes de conectar pessoas de diferentes gerações, lugares e classes sociais. O fortalecimento de laços de pertencimento (mesmo que ideal, possível, desejado ou sonhado; mesmo se geracional, comunitário, nacional e/ou cultural), afinal, pode se constituir como elemento basilar da nostalgia (LEAL; LAGE; BORGES, 2018, p. 50-51).

Questão fundamental durante a disciplina Jornalismo Cultural foi a abordagem diferenciada. Ao invés de entrevistas para matérias factuais foi estipulado usar a metodologia de história oral como ponto de partida, pois foi amplamente discutido como são importantes os relatos obtidos através de reportagem para contar a história.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas

induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2010, p. 15).

O relato foi valorizado pela importância histórica que as entrevistas têm no registro da memória de fatos e pessoas, porém somente em ocasiões como o aniversário da cidade o portal de notícias *Tribuna de Minas* relembra fatos antigos. Pessoa (2019) fez uma campanha de coleta de depoimentos em comemoração, ano passado, e a mídia nesse caso mobilizou, reuniu, editou e divulgou a participação voluntária de quem queria lembrar espaços marcantes da cidade.

A escolha pelo ciberespaço e pelo *blog*

A informática mudou a forma de lidar com as coisas, as pessoas e as relações. O equipamento que permite realizar a automação é o computador “trata-se de sistemas nos quais um processador, manual ou digital, recebe *inputs* vindos do exterior, como apertar uma tecla ou deslizar o dedo sobre uma tela, calcula os *bits* referentes e envia um sinal com o resultado, o *output*” (MARTINO, 2014, p. 26). A internet permitiu a comunicação entre as máquinas e este ambiente de troca promoveu interações entre as pessoas.

O ciberespaço é a interconexão digital entre computadores ligados em rede. É um espaço que existe *entre* os computadores, quando há uma conexão entre eles que permite aos usuários trocarem dados. É criado a partir de vínculos, e não se confunde com a estrutura física – os cabos, as máquinas, os dispositivos sem fio – que permite essa conexão (MARTINO, 2014, p.29).

Ao interagir a partir de máquinas e dispositivos várias possibilidades se abrem de comunicação. Segundo Martino (2014), a internet e as mídias digitais abriram espaços de troca e ligação em comunidades até então desconhecidos.

Cada pessoa com acesso à internet faz parte do ciberespaço quando troca informações, compartilha dados, publica alguma informação, enfim, *usa* essa infraestrutura técnica. Embora seja possível estabelecer algumas distinções mais sutis, pode-se dizer que, ao se conectar à internet, o indivíduo está presente no ciberespaço (MARTINO, 2014, p.29).

Esta interação mediada por computador determina as comunidades virtuais, caracterizadas de acordo com Martino (2014) pela ausência de fronteiras do espaço, permitindo o contato entre pessoas geograficamente distantes.

Agrupamentos sociais construídos a partir de relações interpessoais mediadas por uma tela digital na qual estão informações sobre o grupo, as comunidades virtuais ganham força não por conta da tecnologia, mas pelas intenções, vontades, afetos e conhecimentos compartilhados – interação humana é o ponto de partida e a razão de ser das comunidades virtuais (MARTINO, 2014, p.45).

O poder de mobilização exponencial das redes sociais formadas no ambiente virtual se reflete na vida fora da internet. Martino (2014) destaca que o mundo real é levado para as redes sociais digitais, assim como as discussões *online* têm o potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico.

Em uma sociedade em rede global, a reafirmação dos elementos de identidade e o estabelecimento de fronteiras baseadas na diferença ganham importância na medida em que elementos fundamentais da identidade, como a cultura, a arte e as práticas sociais, são integrados em perspectiva global (MARTINO, 2014, p. 103).

De acordo com Martino (2014) a forma da participação política em rede se dá através de polos de interesse e engajamento em causas, a partir de espaços de discussão formando “esferas públicas” independentes das informações da mídia de massa, baseadas na livre participação dos interessados. E isso se dá tanto *online* quanto *offline* em uma sociedade em rede.

Dessa maneira, as discussões, os comentários de *blogs* e vídeos, as interações nas redes sociais digitais e outras formas de participação delineiam no horizonte a possibilidade de engajamento cívico em questões relacionadas à vida da *polis*, mesclando discussões *online* e resultados *offline* (MARTINO, 2014, p. 110).

Os *blogs* se tornaram uma forma alternativa de participar com opiniões, soluções e questionamentos dado o alcance que atingiram na sociedade.

Em 2006, havia três milhões de *blogs* em atividade no mundo, embora algumas estimativas jogassem essa quantidade para cem milhões. Só nos Estados Unidos, imagina-se que ao menos duzentos novos *blogs* são criados todos os dias. Embora muitos sejam páginas pessoais, destinadas a relatos do autor sobre si mesmo e seu universo cotidiano imediato, outros dedicam-se ao tratamento de temas de relevância pública, misturando suas fronteiras com o jornalismo. Em alguns

casos, *blogs* de fato ocuparam o espaço do trabalho da mídia organizada (MARTINO, 2014, p. 169).

Martino (2014) salienta que inicialmente formatado apenas como um diário pessoal na internet, os *blogs* viram a possibilidade de ser uma alternativa às informações divulgadas pelas mídias impressa e audiovisual principalmente aqueles de conteúdo jornalístico que se tornaram fonte de informações paralelas a outros ambientes e mídias.

Os “valores-notícia” que orientam a prática jornalística cotidiana modificam-se no universo dos *blogs* – não é necessário ter um “gancho” para se tratar de um assunto: o autor do *blog*, ao se pautar, já seleciona as informações das quais pretende tratar e, como resultado, escolhe os critérios de seleção de notícias conforme sua ética particular – e, nesse sentido, pode dar espaço para temas distantes das pautas tratadas nas empresas de comunicação (MARTINO, 2014, p. 172).

Tais questões foram discutidas, em aulas sobre a criação do *blog* e a angulação das matérias, com duas aulas complementares lecionadas pelo mestrando em estágio docência, Ramsés Albertoni, tornando possível abordar de forma mais dinâmica, por um semestre inteiro, notícias sobre espaços antigos da cidade o que não seria pauta no Jornalismo local, permitindo também um alcance maior de público.

Disciplina Jornalismo Cultural e a Criação do *Blog*

A disciplina, Jornalismo Cultural da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, é uma disciplina eletiva⁶ ofertada exclusivamente pela professora Dra. Christina Ferraz Musse, quem supervisionou a produção do *blog*, tema deste artigo. As aulas ocorreram no período de 14 de março de 2019 a 27 de junho de 2019, sempre às quintas-feiras de 14h as 18h. A disciplina começou com 15 discentes matriculados, aos quais oito continuaram, tendo ainda mais duas desistências ao longo do semestre. Foram sete os participantes do *blog*, e cada um teve como meta fazer sete produções cada (duas matérias factuais⁷, duas crônicas, duas resenhas e uma grande reportagem especial), sobre Carnaval, Galerias de arte, Livrarias, Música, Teatro, Vídeo locadoras e Cinemas de Rua.

Lecionar Jornalismo Cultural, é propor aos estudantes escrever em uma área que é tão fundamental na formação do cidadão, mas que

6 Disciplina eletiva é um curso proposto pelo professor e não pela grade da faculdade. Sendo assim, é opcional fazê-la ou não.

7 É um termo utilizado no jornalismo para uma reportagem direta no modelo pirâmide invertida, principais informações primeiro e as outras depois, e que tem a necessidade de ser apresentada no momento que foi feita, por se tratar somente de acontecimentos atuais.

dependendo do período político é desprezada. Então é o momento que os alunos têm para pensar todas as formas de cultura do país, seja ela mais erudita, ou popular, que todos nós usamos para nos expressar, e em vários formatos de escrita. (MUSSE, 2019).

A cada semestre letivo é proposto pela docente um tema geral diferente relacionado à área cultural, nesse semestre foi proposto explorar espaços culturais extintos na tentativa de divulgação da memória de uma cidade que não existe mais sendo que cada aluno e ou aluna ficou com um subtema para trabalhar, baseado nas aulas teóricas, de cultura no jornalismo, e de memória com os mesmos autores que referenciam este trabalho. Os temas sugeridos no primeiro dia de aula, pelos próprios alunos e alunas, partiram do pressuposto de seus gostos pessoais, e suas realidades.

Eu trabalho com memória, então pensar nos lugares de cultura que não existem, é falar dos lugares onde as pessoas exercitaram o afeto, a resistência, seus sonhos nesses espaços culturais que marcou gerações, e refletir, por que esses espaços acabaram? Por que não foram preservados? Se é que deveriam ser preservados, que rastros eles deixaram, alguma ruína ou foram totalmente transformados? Como um cinema de rua que vira estacionamento, ou uma galeria de arte que é cedida a um edifício mais moderno. Que cidade as pessoas querem? Que cidade as pessoas sonham, eu procuro responder a essas perguntas com essa disciplina (MUSSE, 2019).

Devido ao curto tempo disponibilizado para se realizar as atividades, a maioria dos trabalhos foi feita em forma de texto, pois o audiovisual⁸ demandaria um tempo maior para edição do material que fosse produzido. O formato de *blog* foi escolhido pela plataforma possibilitar inserir *links* para todas as redes sociais, e contemplar todos os formatos de trabalho (texto, imagem, vídeo, *podcast*⁹) com acesso ao público externo, além da população acadêmica. Isso proporciona um contraste entre o passado e ou presente/futuro ao usar um *blog* para retratar espaços culturais perdidos.

O mais interessante, foi poder trabalhar com um grupo pequeno de alunos, pois possibilitou sair do padrão convencional de sala de aula e ministrar as aulas, fazer debates sobre o tema em formato parecido com roda de conversa. Fazendo a disciplina render mais e os alunos e alunas conseguirem alcançar um resultado maior em suas pesquisas. (MUSSE, 2019).

O *blog* foi idealizado pela aluna Carla Baldutti, que também fazia as postagens do conteúdo através do seguinte esquema: no final de cada aula, a docente tinha um

8 Trabalho feito com áudio e ou vídeo.

9 Arquivo de áudio que pode ser baixado por *download* ou consumido *on line* via *streaming* de acordo com a disponibilidade do ouvinte.

momento de orientação com os alunos e alunas, a qual dava um *deadline*¹⁰ para entrega das produções, tirava dúvidas, corrigia os trabalhos já prontos para dar um *feedback*¹¹ aos discentes e ajuda através de indicação de fontes e referências para realização das tarefas. Após corrigir os textos, os que não precisavam de alterações eram enviados diretamente para Carla, que fazia a postagem do material; os que precisavam de alterações passavam pela revisão do mestrando Ramsés Albertoni, que dava uma orientação maior depois do período de aula e fazia outras correções, para posteriormente ser postado no *blog*.

Foi possível com o curso, fazer com os alunos um exercício bastante rotineiro e intenso de escrita e leitura de textos acadêmicos sobre o assunto, confeccionando assim um *blog* em que eles fossem criar um produto, que eles podem trabalhar depois do período letivo, se quiserem, e que todos pudessem ver, que extrapolam os limites acadêmicos (MUSSE, 2019).

A escolha das editorias foi motivada pelo interesse de cada aluno, já os locais eram definidos em reuniões de pauta, nas aulas, antes de irem produzir as reportagens. Assim como no Brasil, o Carnaval é uma grande manifestação cultural de Juiz de Fora, Fontainha (2019) relata como motivação pelo tema poder ver como o carnaval levou cultura a todas as classes sem distinção e marcou gerações. E hoje está perdendo forças cada vez mais por falta de investimentos, o aluno destaca que

A proposta da disciplina era divulgar espaços culturais perdidos, eu escolhi o carnaval, pois é uma das maiores festas culturais que representa o Brasil, o carnaval é a forma cultural que mais atinge todas as classes. A cultura do carnaval veio das favelas e dominou toda elite. E Juiz de Fora foi pioneira nessa festa popular (FONTAINHA, 2019).

O teatro também possui relevância na história do município, nesse intuito a aluna Anna Luisa Oliveira escolheu esse tema. Os cinemas de rua de Juiz de Fora foram partes marcantes da cultura da cidade. Apesar de hoje não estarem mais presentes, ainda inspiram os amantes de cinema como a estudante Isabella Barros.

Cinema sempre foi como um sonho pra mim, desde criança quando assistia filmes de princesa e comédias românticas e me enxergava nas personagens, então falar sobre isso dentro da proposta da disciplina foi muito gratificante, e ao mesmo tempo uma tristeza, pois o cinema de rua em sua melhor forma cultural está praticamente extinto, e os

10 Termo usado no jornalismo para definir prazo limite de entrega.

11 Respostas em forma de opinião para correção do produto que foi gerado.

poucos espaços que temos para isso são dentro de shoppings com valores exorbitantes (BARROS, 2019).

O barateamento dos DVDs, a chegada da televisão digital, o fácil acesso aos dispositivos móveis, os serviços de assinatura de filmes pela internet e a TV a cabo tornaram as locadoras de vídeos antiquadas e essa temática motivou o aluno Marcos Vinícios de Souza Coelho.

Sempre tive recordações saudosistas da época em que eu frequentava as videolocadoras, alugava pelo menos 1 filme por semana, e isso já era um hábito na minha rotina, fiz amizades que perduram até hoje nos momentos em que ia escolher o que assistir, e isso desde a época do VHS. No momento em que escolhi uma editoria já pensei de imediato nas locadoras, pois, além das boas lembranças, muitos espaços que eram voltados para isso tiveram que fechar as portas ou se readaptar, principalmente as locadoras de bairros (COELHO, 2019).

A graduanda e pesquisadora de rádio, Carla Baldutti, falou sobre os espaços de “música ao vivo” e centros culturais que animaram as noites da região, com os mais diferentes estilos e variedades musicais que a cidade proporciona.

Quando escolhi trabalhar com espaços de música, quis retomar espaços da cidade sempre citados nas entrevistas que faço com músicos. E voltar num tempo não tão distante onde a cena musical foi marcante para Juiz de Fora, através de bares que divulgavam a música autoral, e bandas locais (BALDUTTI, 2019).

As alunas Giovanna Araújo e Lara Wille, pesquisaram sobre as galerias de arte e as livrarias que marcaram os espaços culturais na história do município, porém, o desafio delas era maior, por não serem juiz-foranas e não conhecerem a fundo as localizações da cidade.

Até certo ponto, é triste ver a cidade sendo preenchida por lugares de alma mais quieta, onde a subjetividade não tem onde se aconchegar. Um exemplo foi a Galeria Celina que não está presa ao espaço onde existiu porque transbordou pelas janelas, porque não é um lugar, mas não deixa de persistir o laço entre o concreto e o que habitou ali, entre as paredes e os filmes nelas projetados ou o chão e os pés que nele pisaram (ARAÚJO, 2019).

A pesquisa para as reportagens trouxe um exercício de memória tanto para quem produzia as matérias quanto para quem era entrevistado.

Percebo agora que essa busca também foi um processo de mexer com a memória das pessoas, já que a cada novo estabelecimento uma breve

contextualização sobre a livraria ou a pessoa que eu procurava era feita. Muitos não sabiam ou não se lembravam, e eu pude fazê-las recordarem ou descobrirem parte da memória cultural da cidade (WILLE,2019).

A forma de avaliação do curso decidida foi a professora e o mestrando darem suas notas para os trabalhos e a apresentação dos seminários sobre artigos científicos, e a docente fazer uma média das duas notas para ter o resultado final. No semestre em questão todos os alunos e alunas que permaneceram até o final do curso eletivo, foram aprovados.

Considerações finais

Os elementos abordados neste artigo, como a prática de Jornalismo Cultural, o trabalho com a nostalgia, assim como os recortes mencionados, e o trabalho prático, ao longo dos meses, fundamentou a formação dos estudantes para serem jornalistas mais completos, e conscientes da importância desta área do Jornalismo, que propõe à sociedade um pensamento mais crítico, e mais valorização da história, bem como da cultura.

Sendo assim, o conteúdo do *blog* mostra como uma galeria, um teatro, um cinema, um bar, todos os lugares são muito mais que sua localização geográfica, ali se constituem como espaços que marcaram gerações, que foram símbolos de resistência e que, por vezes, carregam atos culturais que fazem da cidade o que ela é hoje. E que tudo isso está sendo esquecido pela modernidade, com suas grandes construções.

O *blog* não teve continuidade, pois sua função foi auxiliar os alunos no conhecimento prático da profissão. Mas vai além da disciplina, por possibilitar que pessoas da cidade, que não fazem parte da vida acadêmica, possam ter acesso, na tela dos seus aparelhos eletrônicos, a tudo o que está sendo mostrado neste presente trabalho.

A divulgação de memórias possibilita que as pessoas conheçam outras culturas de uma cidade perdida, que teve grande importância em seu contexto histórico, e que foi alvo de pesquisas. E possibilita também que a população tenha mais senso crítico, valorize o passado e a história de suas cidades. Muito além, no contexto teórico, tal plataforma pode ser vista como exemplo e fonte histórica no meio digital.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Giovanna. Entrevista concedida a Samuel F. do Nascimento em 6 jun. 2019.
- BALDUTTI, Carla. Entrevista concedida a Samuel F. do Nascimento em 27 jun. 2019.
- BALLERINI, Frantiesco. **Jornalismo cultural no século 21**: literatura, artes visuais, teatro e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as novas tendências na prática. São Paulo: Summus, 2015.
- BARROS, Isabella. Entrevista concedida a Samuel F. do Nascimento em 6 jun. 2019.
- BLOG Memória JF. **Espaços de Memória, Lugares de afeto**. Disponível em: <https://jornalismocultural1.wixsite.com/memoriajf> Acesso em: 10 out. 2020.
- COELHO, Marcos V. de Souza. Entrevista concedida Samuel F. do Nascimento em 27 Jun. 2019.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo e identidade. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- HUYSEN, A. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.
- LEAL, Bruno Souza; LAGE, Igor; BORGES, Felipe. Experiências de nostalgia: de Stranger Things a Vozes de Tchernóbil, diferentes construções nostalgizantes. In: CRUZ, Lucia Santa; FERRAZ, Talitha (Orgs.). **Nostalgias e mídia**: no caleidoscópio do tempo. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2018, p. 47-66.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- MUSSE, Christina Ferraz. Entrevista concedida a Samuel F. do Nascimento em 27 jun. 2019.
- NASCIMENTO, Samuel F. do. Entrevista concedida à Carla Baldutti em 6 jun. 2019.
- NIEMEYER, K. (Org.) **Media and Nostalgia**: Yearning for the past, present and future. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- PESSÔA, Júlia. “Memória Afetiva”: ajude a lembrar os lugares antigos de JF. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora. 07 de maio de 2019. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/07-05-2019/memoria-afetiva-ajude-a-lembrar-os-lugares-antigos-de-jf.html> Acesso em: 10 out. 2020.
- WILLE, Lara. Entrevista concedida a Samuel F. do Nascimento em 27 Jun. 2019.